

Porto

Como se reinventa uma cidade

Depois da longa agonia, a Baixa do Porto parece estar a renascer em torno do eixo que vai da Praça dos Poveiros à Rua de Miguel Bombarda. Ainda não é o Marais parisiense, o Soho londrino ou o Raval de Barcelona, mas está a ficar com bom aspecto. Por *Jorge Marmelo*

• A linha recta, diz-se, é a distância mais curta entre dois pontos. No caso da Baixa do Porto, a imaginária (e irregular) linha recta que vai da Praça dos Poveiros ao extremo poente da Rua de Miguel Bombarda descreve o percurso que já se fez entre o centro degradado, desertificado, agonizante, e a nova cidade que parece estar a emergir do vazio que ficou. Casa após casa, as montanhas, os prédios abandonados e os destroços do que foi o Porto vão cedendo lugar a novas lojas, bares, cafés, centros comerciais ressuscitados. Ainda não é o melhor dos mundos possíveis, mas há vida nova e talvez não seja só uma moda passageira.

"Esta zona estava degradada, vazia e até perigosa. Agora dá ideia que, entre a Rua do Almada e o Palácio, vai ser uma espécie de Soho, uma zona nobre, com muita a viver aqui", diz José Costa, funcionário do Candelabro, da Rua da Conceição, um dos mais recentes fenómenos deste pedaço de cidade: era, ainda há bem pouco tempo, um alfarrabista em declínio, mas refloresceu-se e, enquanto café-bar-livraria, passou a garantir casa cheia. "Não percebiam que acatasse tãõ depressa", comenta.

Sucedem-se os exemplos que parecem demonstrar que a Baixa tinha (quase) tudo o que é necessário para renascer, sobretudo depois da intervenção urbana levada a cabo aquando da Capital Europeia da Cultura, a qual criou novas praças, alargou passeios, arborizou ruas e criou parques de estacionamento.

"As obras do Porto 2001 foram mal planeadas, duraram muito tempo e aniquilaram os negócios que ainda subsistiam. Mas a estrutura ficou preparada e o mercado está a funcionar. Os novos negócios, pioneiros, beneficiam de haver espaços vazios com rendas baixas e as actividades nocturnas ganham com o facto de já quase não haver associações na zona",

simetiza Pedro Balonas, arquitecto que desenhou a nova Praça de Lisboa, um projecto que, porém, ainda não saiu do papel, mantendo uma cratera imensa numa área privilegiada da cidade.

A renovação tem, de resto, avançado mais rapidamente na pequena escala, casa a casa, do que nos grandes quarteirões objecto da atenção da política municipal de reabilitação urbana. As pequenas intervenções, diz Balonas, "são mais rápidas e mais eficazes a alterar a imagem da cidade". "Tem sido um processo espontâneo, o que é uma felicidade", considera.

Havia, por exemplo, espaços vazios na Rua de Miguel Bombarda e bastou que ali se instalassem algumas galerias de artes plásticas para que a zona se transformasse numa referência nacional, se salvasse do esquecimento um centro comercial e se instalassem novas actividades, de delicatessen a lojas de design. E entretanto passaram dez anos.

Um bairro para o livro

Havia três dezenas de livrarias num curto espaço geográfico e bastou que um novo livreiro se instalasse e oitasse em redor para que surgisse a ideia de criar o Bairro do Livro (apesar de o projecto ainda não estar consolidado).

Havia ruas em cujas casas já não havia gente e que agora são enormes bares ao ar livre, ponto de encontro por excelência de uma clientela jovem, urbana e com algum poder de compra. As noites são longas e animadas. Nem parece o Porto. Mas pode ser um novo Porto.

Havia velhos alfarrabistas, mas instalou-se o estilista Luís Buchinho, o restaurante Alfalate com uma decoração inspirada no fenómeno da moda e já esta semana abre também uma loja dos Story Tailors nas galerias Lumière - decadentes durante duas décadas e, agora, a viverem um segundo fôlego, com

novas lojas, cafés, bares, música ao vivo ao almoço e ao lanche.

Há cinco salas de espectáculos (Coliseu, Batalha, Rivoli, Sá da Bandeira, Carlos Alberto) e duas salas de cinema (Passos Manuel e Sala Bebé) à espera de que a cidade volte a perceber que, para ser viva e atractiva, também precisa de produção cultural.

Anda-se pela Rua de Cedofeita, uma das perpendiculares que cruzam a linha imaginária onde a cidade se vai refazendo, e tem-se a sensação de que só falta um empurrão para que a grande concentração de sapatarias ali instaladas se organize para se transformar num cluster privilegiado da venda de sapatos, ou para que as oficinas de restauro aqui sediadas há décadas passem a ser uma referência para quem queira recuperar um móvel ou dar novo brêlio a uma velha tela.

"Mais do que o Bairro dos Livros, esta zona pode ser o bairro de tudo", diz Jorge Afonso Moita, da livraria infantil Ira Uma Vez..., autor da ideia de criar um evento mensal ligado ao livro que replicasse, na zona dos Clérigos, a animação conseguida na festa das inaugurações da rua das galerias de arte. Não por acaso, a direcção da revista *Time Out Lisboa* resolveu antecipar a criação de uma edição portuguesa da conceituada publicação internacional. "Preocupou-me que esta era a altura ideal, com a reanimação da Baixa, as novidades na restauração e na vida nocturna, a agitação no meio artístico. É uma cidade que dá muitas garantias de sucesso", disse recentemente ao PÚBLICO o director da *Time Out Lisboa*, João Cepeda, o tripé que vai dirigir também a *Time Out Porto*.

Daniel Pires, que, em 2001, enquanto criador do espaço Maus Hábitos, da Rua de Passos Manuel, foi um dos primeiros a acreditar no renascimento da Baixa, não tem, hoje, tantas certezas quanto

A nova cidade

Um percurso da rua de Passos Manuel a Miguel Bombarda



O 3C é o mais recente restaurante-bar da Rua de Cândido dos Reis, paralela da Rua das Galerias de Paris, onde a Vida Portuguesa comercializa produtos tradicionais

“É preciso sustentar o que já foi feito e criar processos para tornar o fenómeno durável. Vender o Porto fora daqui e atrair gente e o grande consumo qualificado, uma oferta mais elaborada.”

Pedro Balonas, arquitecto

à irreversibilidade do fenómeno de reinvenção do centro do Porto: "Tinha a ideia de que, em dez anos, o Porto ia mudar e ser uma cidade interessante, até por causa do enorme pontapé que seria a Capital Europeia da Cultura. Mas a massa crítica desapareceu da cidade (fogiu para Lisboa) e as casas continuavam vazias. Eu imaginei que a Baixa pudesse ser uma coisa diferente, com gente a viver cá em vez de bares e ruas cheias de gente a beber copos. Temo que a animação nocturna seja fogo-de-palha, uma farsa, e que as pessoas desapareçam assim que houver outra zona nocturna interessante".

"Há sempre o risco de isto ser apenas uma moda", reconhece José Costa. "O mercado para estas coisas é pequeno numa cidade como o Porto, mas, se as coisas forem bem feitas, não será tanto assim", acrescenta o funcionário do Candelabro.

Dificuldades de legalização

Firmino Teixeira, da velha mercearia Gaia S. Jorge ("forte em bacalhau", lê-se no toldo), da Rua de Santa Teresa, parece dar razão à necessidade de olhar para o renascimento da Baixa ainda com alguma moderação. Apesar do número crescente de novas e mais modernas lojas que têm aberto portas nas imediações, este comerciante tradicional diz que, se "à noite há mais gente, durante o dia é a mesma coisa" de sempre. Chegou, apesar de tudo, a abrir a mercearia em horário nocturno, para aproveitar a abundância de potenciais clientes que lhe passavam diante da soleira, mas desistiu. "O que gostava não dava para pagar as luzes" por estar a trabalhar fora do horário autorizado, conta.

José Albuquerque, responsável por vários espaços que abriu nas portas nos últimos dois anos, do Café das Galerias de Paris à ressuscitada Praça Lumière,

também tem queixas. Diz que investiu por ter sido desafiado pelo presidente da câmara a ocupar a Baixa, mas nota dificuldades constantes para legalizar os negócios que vai abrindo, falta de apoio e invejas dos empresários de outras zonas da cidade. "Não é normal ter polícia no Lumière todas as semanas e ver entrar 25 agentes de shotgun pela casa dentro", comenta. "Corre-se o risco de assistir aqui a confusões causadas artificialmente e de a zona acabar por perder o glamour", teme.

Apesar de tudo, e percebendo o "potencial morto" de que esta zona da cidade dispunha, decidiu não ficar à espera de apoios e "avançar por iniciativa própria", com "originalidade", para "fazer alguma coisa pela cidade", "contornando os obstáculos que surgissem" - uma receita seguida também por três companhias de teatro que recentemente resolveram alugar o Teatro Sá da Bandeira para manterem a sua actividade (já que o municipal Rivoli continua ocupado por Filipe La Féria). "Não fiquei à espera de que a câmara viesse pôr baldes do lixo para os copos da cerveja. Pu-los eu. Se, um dia, a câmara achar que deve fazê-lo, tanto melhor", resume José Albuquerque.

"O que está a ser feito, surge um pouco à revelia da Câmara do Porto, que não tem espírito para isto", concorda Daniel Pires. "É preciso um trabalho estratégico e preparar o terreno para que as pessoas venham conhecer o Porto e decidam ficar aqui e acrescentar valor à cidade. São precisas políticas de atratividade, benefícios fiscais, menos burocracia e apartamentos baratos para alugar", diz o criador do Maus Hábitos.

Pedro Balonas diz-lo de outra forma: "É preciso sustentar o que já foi feito e criar processos para tornar o fenómeno durável. Vender o Porto fora daqui e atrair gente e o grande consumo qualificado, uma oferta mais elaborada". Balonas acha, ainda assim, que a nova cidade tem tudo para dar certo. Daniel Pires está menos optimista do que há dez anos. "Mas talvez daqui a mais dez anos o Porto possa ser uma cidade interessante", reconhece.

Para já, convenhamos, a Baixa ainda não é o Marais parisiense, o Soho londrino ou o Raval de Barcelona. Mas está a ficar com bom aspecto.

eu sou a minha própria mulher

ULTIMO DIA
Tel: 226 063 000

FASCINANTE 7 SEMANAS

SEI VAI TRUPE